

## **INTERCULTURALIDADE E FUNÇÃO SOCIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: POSSIBILIDADES DE UMA APROXIMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA A INTEGRAÇÃO E FORMAÇÃO DE CIDADÃOS CRÍTICOS.**

Roberta Rafaela Sotero (Instituto Federal do Paraná)

### **RESUMO**

Esta proposta de comunicação tem por objetivo discutir o conceito de interculturalidade e analisar a sua importância no cenário brasileiro a partir das Diretrizes Curriculares Estaduais e das Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Para tanto, a língua é concebida como discurso, e a função social e educacional da disciplina de língua estrangeira (LEM) na Educação Básica para o desenvolvimento da cidadania é posta em destaque. A Interculturalidade é tomada como Aproximação Pedagógica (JANSEN, 2007) que pode se concretizar na sala de aula de LEM através do trabalho com gêneros discursivos (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1992). Parte-se do pressuposto de que a reflexão sobre o diálogo entre diferentes culturas fornece subsídios para o trabalho do professor de LEM com o objetivo de formar cidadãos críticos reflexivos. Surgido como uma resposta aos problemas sociais advindos da globalização, o conceito de interculturalidade evoca valores como os de reciprocidade, alteridade, tolerância, democracia, cidadania, identidade, superação de preconceitos, discriminações e exclusão. Esses valores são aproximados justamente porque a (maior) sensibilização e tolerância diante das diferenças não se dá apenas no campo linguístico. As reflexões apresentadas são fundamentadas nas teorias do Círculo de Bakhtin que permitem aclarar o conceito de interculturalidade através de conceitos como o de *exotopia* e *excedente de visão*. (BAKHTIN, 1997; JANSEN, 2007). Dentre as principais considerações sobre a reflexão teórica sobre o tema está a integração através das línguas e as possibilidades de (re)construir modelos linguísticos e culturais por meio do trabalho com a diversidade cultural e com as variedades linguísticas nas aulas LEM.

**Palavras-chave:** interculturalidade; ensino de língua estrangeira; gêneros discursivos.

### **Sobre o conceito de interculturalidade**

O conceito de interculturalidade surge como uma resposta a desafios lançados pela globalização. Face a uma sociedade multicultural e em meio a valores de uma cultura consumista e imediatista, ele nasce nos anos 70, na França, fruto da necessidade de integração dos filhos de imigrantes nesse país e da necessidade de encontrar métodos educacionais adequados para tal conjuntura.

O modelo da interculturalidade começou por ser defendido no mundo francófono e logo se estendeu a toda a Europa. O conceito de multiculturalismo predomina no mundo anglo-saxônico, onde os grupos de matrizes culturais diferentes são integrados na vida pública com a finalidade de se garantir a coesão social, mas não a sua inclusão (*op. cit.* pág.21). Os defensores da multiculturalidade consideram que a diferença entre as culturas não deve ser encarada como uma fonte de problemas, desde que essa diferença seja entendida e respeitada pelo «outro».

Diante dessa simples informação cronológica, é notável a diferença entre as concepções “multiculturalidade” e “interculturalidade”: o uso do prefixo *inter* pressupõe a INTERAÇÃO de duas ou várias culturas, enquanto que o prefixo *multi* já não assume essa hibridação, mas apenas o convívio de duas culturas estratificadas e hierarquizadas. (Abdallah-Preteille *apud* Costa, 2007, pág. 17). Portanto, interculturalismo não se limita a conhecer as várias culturas, mas estimula e potencializa a interação cultural. “Os processos autênticos de hibridação, ainda que atentos aos particularismos simbólicos, valorizam a essência do universal que cada cultura tem para oferecer, enriquecendo todas as outras” (Carneiro, 2006 *apud* Costa, 2007, pág. 17).

### **A interculturalidade como resgate de uma função social do ensino de LEM**

Nas Diretrizes Curriculares Estatais (DCE), o ensino de LEM envolve um propósito maior de educação “ao rastrear as relações entre língua, texto e sociedade, as novas tecnologias e as estruturas de poder que lhes subjazem”, como considera Giroux (2004). Para ser concretizada, é fundamental reconhecer a relação entre ensino de LEM e uma pedagogia crítica que considera o atual **contexto global educativo, pedagógico e discursivo**, em que as questões de uso da língua, do diálogo, da comunicação, da cultura, do poder, e da política não se separam da pedagogia.

Isso implica superar uma visão de ensino de LEM apenas como meio para se atingir fins comunicativos que, ao postular os significados como externos aos sujeitos, restringem as possibilidades de sua aprendizagem como experiência de identificação social e cultural. Em outro sentido, o ensino intercultural de língua(gem) instiga a reflexão acerca da própria identidade e dos próprios valores da cultura a qual pertence, que são tomados por vezes como verdades absolutas ou naturais e não como produto da influência sociocultural, ou como produto de um processo dinâmico de produção de sentidos possíveis (aceitos, legitimados, mantidos e/ou reforçados por coletividades ou por um indivíduo). (JORDÃO, 2006, p.5).

Portanto, para que se efetive esse ensino a língua é concebida como indissociável de cultura e também como discurso, pois “língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1992, p.96). A linguagem é concebida como prática social, como uma realidade em permanente mudança, um conjunto de práticas sociointeracionais realizadas por sujeitos sócio-historicamente situados, configurando-se como um agir no mundo. (*idem*). Assim, a partir dessa concepção de língua(gem) o aprendiz não apenas aplicará em outro lugar, no mundo real, aquilo que aprendeu em sala de aula e tampouco será um simples usuário de um instrumento dado e acabado, exterior a ele. Isso não

ocorrerá se o sujeito for seja levado a refletir criticamente sobre a sua forma de se relacionar tanto com a sua língua materna como com a língua estrangeira que está aprendendo.

Deste modo, um ensino de LEM que pretende ser intercultural busca (CANTONI, 2005):

- 1) oportunizar a ampliação das práticas sociais de linguagem que os alunos já possuem, desenvolvendo também a sua experiência com sua LM, e
- 2) desenvolver a capacidade de reconhecer o outro como diferente e diverso, sem que para isso necessite posicioná-lo em uma escala de valores e num ranking cultural em relação a sua própria cultura.

Agrega-se a isso não somente a ideia da aceitação do outro, mas também a de compreensão do que existe por detrás destas diferenças, levando assim o aprendiz de LEM a uma reflexão crítica sobre as culturas, sejam elas as outras ou a(s) sua(s) própria(s).

Partindo das premissas aqui expostas, a aula de LEM deve se estabelecer como um espaço para que o aprendiz reconheça e compreenda as diversidades linguístico-culturais. Do mesmo modo, a sala de aula deve configurar um lugar em que o estudante se envolve discursivamente e percebe as possibilidades de construção de significados no mundo em que vive – significados como construções sociais e históricas passíveis de transformação na prática social.

Há algumas décadas já se reconhece que dentre as contribuições que podem surgir de uma aprendizagem de LEM, além de qualquer instrumentação linguística, estão (VAN EK; TRIM, 1984 *apud* OCEM, pág. 92):

- 1) estender o horizonte de comunicação do aprendiz para além de sua comunidade linguística restrita própria, ou seja, fazer com que ele entenda que há uma heterogeneidade no uso de qualquer linguagem, heterogeneidade esta **contextual, social, cultural e histórica**. Em outras palavras, é importante compreender que pessoas pertencentes a grupos diferentes comunicam-se de formas variadas e diferentes

- em determinados contextos (formais, informais, oficiais, religiosos, orais, escritos, etc.),
- em determinados momentos históricos (no passado longínquo, poucos anos atrás, no presente),
- em outras comunidades (em seu próprio bairro, em sua própria cidade, em seu país, como em outros países).

- 2) fazer com que o aprendiz entenda que há diversas maneiras de organizar, categorizar e expressar a experiência humana e de realizar interações sociais por meio da linguagem (diferenças essas que não são individuais e nem aleatórias, mas sociais e contextualmente determinadas; que não são fixas e nem estáveis, e podem mudar com o passar do tempo);

3) aguçar o nível de sensibilidade linguística do aprendiz quanto às características das LEM em relação à sua LM e em relação aos usos variados de uma língua na comunicação cotidiana;

4) desenvolver a confiança do aprendiz, por meio de experiências bem-sucedidas no uso de uma língua estrangeira, para enfrentar os desafios cotidianos e sociais de viver, adaptando-se, conforme necessário, a usos diversos da linguagem em ambientes diversos (sejam esses em sua própria comunidade, cidade, estado, país ou fora desses).

Assim, o valor educacional da aprendizagem de uma LEM vai muito além de meramente capacitar o aprendiz a usar uma determinada língua estrangeira para fins comunicativos.

“[O] verdadeiro propósito do ensino de línguas estrangeiras é formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadãos do mundo” (RAJAGOPALAN, 2003, p.70).

Nas DCEs propõe-se a formação de sujeitos que construam sentidos para o mundo, que compreendam criticamente o contexto social e histórico de que são frutos e que, pelo acesso ao conhecimento, sejam capazes de uma inserção cidadã e transformadora na sociedade. (DCE, pág. 31). Busca-se, dessa forma, estabelecer os objetivos de ensino de uma Língua Estrangeira Moderna resgatando a função social e educacional desta disciplina na Educação Básica. (DCE, pág. 52 e 53).

O conceito de cidadania é muito amplo e heterogêneo, mas entende-se que “ser cidadão” envolve a compreensão sobre que posição/lugar uma pessoa (o aluno, o cidadão) ocupa na sociedade. Ou seja, de que lugar ele fala na sociedade? Por que essa é a sua posição? Como veio parar ali? Ele quer estar nessa posição? Almeja mudá-la ou dela sair? Essa posição o inclui ou o exclui de quê? Nessa perspectiva, no que compete ao ensino de idiomas, a disciplina LEM deve estimular o desenvolvimento da cidadania (Pág. 91, OCEM).

Hymes (1972), seguindo a hipótese Sapir-Whorf, afirma que a língua forma e determina a forma como vemos o mundo: dependendo de onde nascemos vemos as coisas de maneiras diferentes e por isso denominamos de maneiras diferentes os objetos, os sentimentos e tudo mais o que nos parece diferente em nosso entorno, como os diversos nomes que damos a banana, por exemplo, e que em várias culturas são somente denominadas bananas.

Como observa Rajagopalan (2003, p.69), [...] as línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo, quem transita entre diversos idiomas está redefinindo a sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua nova está se redefinindo como pessoa.

## **A Natureza Dialógica do Encontro Cultural**

A proposta adotada nas Diretrizes se baseia na corrente sociológica e nas teorias do Círculo de Bakhtin, que concebem a língua como discurso. A exotopia, “o estar do lado de fora”, o não coincidir com o outro, constitui uma questão fundamental na reflexão que envolve a alteridade intercultural, o chamado “estar do lado de fora cultural”.

Conforme Bakhtin, “quando contemplo um homem situado fora de mim e a minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem” (1997, pág. 43 *apud* JANSEN, 2007). A partir do seu excedente de visão, um observador percebe outras coisas que só ele pode perceber, justamente por ocupar outro lugar, um lugar que somente ele ocupa, que lhe é único, e que é inacessível ao outro (pela outra cultura).

Ainda de acordo com Bakhtin, “o excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se” (*Op. cit.*, pág. 44).

Neste processo dialógico se efetiva a empatia: “ver o mundo através dos valores do outro”, percebendo coisas que só são acessíveis a um dos interlocutores, para depois retornar (através da contemplação) à posição inicial, que possibilita elaborar o seu acabamento e o do outro.

Quando Bakhtin se refere a esta perspectiva *exotópica* na vida, ressalta que a riqueza da *exotopia* não está na duplicação do semelhante, mas no fato de que este outro vive (e continua vivendo) numa categoria de valores diferentes. Se apenas nos transpusermos para a outra cultura para a compreensão desta (pela simples empatia), e não retornarmos para elaboração de uma síntese, estaremos apenas produzindo uma duplicação ou reprodução desta cultura (JANSEN, 2007, pág. 250).

Para Bakhtin (1997), a alteridade é a condição de identidade. Em seu texto "Os estudos literários hoje", o autor indica a importância da *exotopia* cultural na introdução de elementos novos na construção de sentido da própria cultura. A *exotopia* é o instrumento mais poderoso dessa compreensão, pois a cultura alheia só se revela em sua completitude e em sua profundidade aos olhos de outra (e não se mostrará em toda a sua plenitude para uma cultura apenas, pois virão outras que a verão e a compreenderão). “Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido” (BAKHTIN, 1997, pág. 368 *apud* JANSEN 2007, pág. 251).

Desse modo, um discurso unitário e da homogeneização a partir de uma visão particular esvazia a perspectiva *exotópica* e a natureza dialógica do encontro cultural. O (aparente) diálogo cultural que não concebe efetivamente uma alteridade cultural (presença e voz do

outro que me constituem) corre o risco de ser esvaziado numa duplicação de uma voz social (cultural). (JANSEN, pág. 251).

### **Considerações finais**

Um ensino que almeja ser intercultural busca alcançar (maior) sensibilização e tolerância diante das diferenças, não apenas no campo linguístico, mas também frente a aspectos da cultura-alvo e a características de seus membros. A reflexão sobre as variedades linguísticas nas aulas LEM e as possibilidades de (re)construir modelos linguísticos e culturais por meio do trabalho com a diversidade cultural resgata a função social do ensino de LEM na Educação Básica e fornecem subsídios a professores para a formação cidadãos mais conscientes, ativos, numa perspectiva de integração.

### **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Volume 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf). Acesso em 23/02/2012

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PCN+ ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2002 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em 23/02/2012

CANTONI, M. **A interculturalidade no ensino de línguas estrangeiras: uma preparação para o ensino pluricultural o caso do ensino de língua italiana**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/2403/TESE%20MESTRADO%20GRADUACAO%20DEFINITIVA.pdf?sequence=1>. Acesso em 23/02/2012

COSTA, J. P. O.; LACERDA, T. **A Interculturalidade na Expansão Portuguesa: Séculos XV-XVIII**. Lisboa, 2007. Disponível em: [http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col\\_Portugal\\_Intercultural/1\\_Expansao\\_Portuguesa.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Portugal_Intercultural/1_Expansao_Portuguesa.pdf). Acesso em 23/02/2012

HYMES, D. **On communicative Competence**. Filadélfia: Universidade de Pensilvânia, 1971.

JANSEN, H. Aproximações pedagógicas e interculturais possíveis no ensino de literatura estrangeira. In: **Revista línguas e letras**. Cascavel. Unioeste. Vol. 8, n. 14. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/916/780>. Acesso em 23/02/2012.

JORDÃO, C. M.; EDMUNDO, E.; FOGACA, F.; PAULA, D. J.. **Orientações Pedagógicas para o Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas**. 1. Ed. Curitiba: SEED, 2006. v. 1.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes curriculares estaduais de língua estrangeira moderna**. Curitiba, 2008.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.